

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG

Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias

Contemporâneas - CEEAV

Denise Betônico Neiva

O AUDIOVISUAL NA ESCOLA PÚBLICA:

Contribuições para o processo criativo dos estudantes de 13 e 14 anos

Contagem

2020

Denise Betônico Neiva

**O AUDIOVISUAL NA ESCOLA PÚBLICA:
Contribuições para o processo criativo dos estudantes de 13 e 14 anos**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo La Carretta

Contagem

2020

Neiva, Denise Betônico

O AUDIOVISUAL NA ESCOLA PÚBLICA:
Contribuições para o processo criativo dos estudantes de 13
e 14 anos / Denise Betônico Neiva - 2019

44 f., enc.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcelo La Carretta

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 42.

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –
Especialização. I. Título. II. La Carretta, Marcelo (orientador). III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707

Nome: **DENISE BETÔNICO NEIVA**

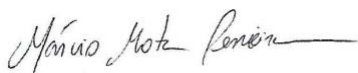
O AUDIOVISUAL NA ESCOLA PÚBLICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO CRIATIVO PARA ESTUDANTES DE 13 E 14 ANOS.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**.



Professor Marcelo La Carreta Enrique Lopez da Cunha Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientador



Professor Márcio Mota Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 1º de março de 2020.

Resumo

Nesta monografia, apresento, primeiramente, alguns trabalhos com o audiovisual que acontecem em nosso país, dentre eles, o *Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*. Este projeto, me foi proposto pelo *Grupo Mutum/UFMG*, como possibilidade de trabalhar com a produção fílmica e a temática dos Direitos humanos em uma Escola Pública da Rede de Ensino de Contagem, Mina Gerais, Brasil, entre os anos de 2016 e 2017. Diante desta proposta de trabalho e também da inserção nas Escolas da Lei Nº 13.006/14, escolhi trabalhar com estudantes de 13 e 14 anos, pelo fato de ter previamente observado nas aulas de Arte, que nesta faixa etária, principalmente, alguns estudantes não se reconhecem como sujeitos com possibilidades criativas, negando-se a produzir artisticamente. Como este trabalho já havia acontecido nos anos de 2016 e 2017, a metodologia desta monografia foi o *Post Mortem*, portanto, no terceiro capítulo desta monografia, eu relato a metodologia utilizada no trabalho com os estudantes desta Escola e concluo, com a constatação de que o trabalho com a produção do audiovisual, com a temática dos direitos humanos, a partir do *Projeto Inventar*, paulatinamente à disciplina de Arte e o conteúdo de História da Arte, contribuiu para o despertar e a apropriação pelos estudantes de suas potencialidades criativas.

Palavras-chave: Educação. Audiovisual. Processos criativos.

Abstract

In this monograph, I first present some of the audio-visual works that are being conducted in the country, among them the Invent with Difference Project: Cinema and Human Rights. This project has been proposed to me by the Mutum Group/UFGM, as a possibility of working with movies production and Human Rights in a Public school from Contagem, Minas Gerais, Brazil, between the years of 2016 and 2017. In face of this work proposal and the insertion of the Schools in the Law Nº13006/14, I have decided to work with students from 13 to 14 years old, once that I've observed during the Art classes that, mainly in this age group, the students do not recognize themselves as subjects capable of creative possibilities. Because this work was performed between 2016 and 2017, this is a Post Mortem analysis. The methodology used is furthermore described in the third chapter of this monograph utilized with the students from this school. Finally, I conclude with the ascertaining that the work with audio-visual technology, with the theme of Human Rights attached to the Art and History of Art class, have contributed to the awakening and hold of the creative possibilities of the students themselves.

Keywords: Education. Audiovisual. Creatives process.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - Panorama sobre o ensino do audiovisual.	11
CAPÍTULO 2 - O Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos.	18
CAPÍTULO 3 - Reflexões sobre os resultados dos trabalhos com o Projeto Inventar com a Diferença.	25
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	42
ANEXO	
Autorização de uso de nome da instituição	
Autorização de uso de imagem	

INTRODUÇÃO

A diversidade de programas e projetos desenvolvidos com o audiovisual, no Brasil, não é recente.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresento um breve panorama desta diversidade de propostas, empenhadas, sobretudo nos trabalhos alicerçados entre o Cinema e a Educação.

Neste percurso, perpasso pelas possibilidades que tais projetos e programas vão apresentando no contexto de ampliar a sua abrangência, com o cinema, com a sua produção, com atividades cineclubistas, com a formação de cineclubes, com a análise fílmica em diversas temáticas, entre elas a dos direitos humanos.

Relato a expansão de alguns destes programas ou projetos que, pretendendo atender a um público diverso, nas variadas faixas etárias, também investem na formação de profissionais para que estes possam, posteriormente, criar e ampliar novas propostas de trabalho, com o Cinema e a Educação.

Utilizei para minha pesquisa bibliográfica os manuais do Festival de Cinema de Ouro Preto, CineOP, nas seguintes edições: 11^a, 12^a e 13^a e alguns dos relatos de experiência neles apresentados, com o objetivo de investigar sobre estes programas e projetos desenvolvidos no Brasil. Estes cadernos, produzidos anualmente, para cada festival, trazem o registro de todo o evento, dos relatos, seminários e oficinas, percebi neles material muito adequado para o meu embasamento. Interessou-me também o fato de o CineOP oferecer um espaço destinado ao Cinema e Educação e ter uma abrangência em nível internacional, além das Escolas de Contagem terem começado a participar de forma efetiva em sua 13^a edição.

Os livros *Cinema e Educação e Alfabetização Audiovisual* foram obras com as quais fundamentei esta pesquisa, assim como a tese da professora Ana Lúcia de Faria e Azevedo: *Fora do quadro: discurso sobre educação e cinema (Argentina e Brasil-*

1910/1940 e 1990/2010), da qual pude conhecer a proposta do CINEAD, umas das fontes de inspiração para a criação do Projeto Inventar.

No segundo capítulo, apresento o *Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*, tendo como proponente o Grupo Mutum/UFMG.

Este grupo, ofereceu a proposta de trabalho com o *Projeto Inventar* para dez Escolas da Rede de Ensino de Contagem, representada pelos professores que participaram das formações e GT's de Cinema, coordenado pela Professora Inês Teixeira, da Faculdade de Educação da UFMG (FAE).

Ainda no segundo capítulo, com base no livro: *Inevitavelmente Cinema, Educação, Política e Mafuá*, de autoria de Cezar Migliorin (2015), relato a criação do Projeto Inventar, bem como a sua metodologia de trabalho no uso dos dispositivos para a produção fílmica e das análises fílmicas na temática dos direitos humanos, com o qual trabalhei em Contagem.

Sendo o meu objeto de pesquisa o trabalho com o audiovisual na Escola Pública e sua contribuição para os processos criativos dos estudantes de 13 e 14 anos, apresento no terceiro capítulo as práticas e vivências desenvolvidas com estes estudantes e este Projeto.

A escolha deste assunto para a elaboração desta monografia, foi em primeiro lugar o incômodo que me causava o distanciamento dos estudantes de 13 e 14 anos, em relação as suas produções e processos criativos. E também, sobre o não reconhecimento ou a apropriação deles quanto as suas capacidades criativas, a despeito dos incentivos, possibilidades técnicas oferecidas e diálogos voltados para a sensibilização da percepção de seus potenciais.

Avalio, portanto, neste trabalho, o despertar e a apropriação gradativa dos estudantes em relação as suas possibilidades criativas, ao longo do intervalo de um ano. Através das experiências, vivências, execução de atividades de Arte e História da Arte e com todas as propostas oferecidas pelo *Projeto Inventar com a Diferença*:

Cinema e Direitos Humanos, seja com a produção fílmica ou com as análises feitas com a temática dos direitos humanos, na Escola Pública de Contagem.

CAPÍTULO 1 - Panorama sobre o ensino do audiovisual.

Para apresentar este trabalho voltado ao audiovisual, proponho, neste capítulo, breve retrospectiva sobre alguns trabalhos executados com este recurso, principalmente no Brasil, bem como algumas propostas surgidas a partir deles. Certamente a experiência vivenciada e que será apresentada ao longo deste trabalho não é a primeira, pois está entre várias que aconteceram e acontecem pelo mundo a fora, em nosso país, estado ou cidade.

Segundo Adriana Fresquet (2013, p. 43), “em junho de 2000 o Ministro da Educação da França, Jack Lang, organizou um grupo de consultores para colocar em marcha um projeto de educação artística e ação cultural na educação nacional, chamado *Mission*”.

O cineasta e crítico de cinema Alain Bergala assumiu, então, a consultoria para o Ministério e seu trabalho repercutiu de forma a demarcar para o cinema um lugar diferenciado na educação francesa contemporânea. Fresquet, afirma que “a proposta de Bergala, permitiu que o cinema entrasse nas escolas públicas da França com uma marca diferenciada: pela primeira vez, ele assumiu nada menos que o lugar da arte”.

Em seu livro **Inevitavelmente Cinema: educação política e Mafuá**, Cezar Migliorin (2015), relata que em 2011, quando da vinda de Alain Bergala ao Brasil, a convite de Fresquet, para uma consultoria, Bergala tornou-se um grande influenciador do projeto que viria a ser criado por Migliorin: o *Inventar com a Diferença, Cinema e Direitos Humanos*, que foi também o Projeto trabalhado por mim com estudantes de 13 e 14 anos, o qual apresentarei no segundo capítulo.

Alguns destes projetos, surgiram após a visita de Bergala ao país. Do seu trabalho com o Plano comentado,¹ organizado na França e apresentado a Migliorin e Fresquet no Brasil.

¹ Alain Bergala, produziu e dirigiu os Planos comentados para que os professores na França pudessem falar de cinema partindo das opções de criação envolvidas na execução de um plano (Migliorin, 2015, p. 26).

O Cinema para Aprender e Desaprender, CINEAD, programa ligado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), embora tenha se iniciado em 2006, anos antes da visita em consultoria de Bergala ao Brasil, é fortemente inspirado no trabalho do cineasta. E esta metodologia, defende a importância da Escola na garantia das possibilidades de acesso ao filme de arte, que para alguns estudantes é o único meio que pode dar-lhes esta oportunidade.

O CINEAD, portanto, tem como proposta a realização de atividades de “pesquisa acadêmica, extensão universitária e produção cultural com professores, crianças e adolescentes, focando na temática da infância e adolescência” como relata Ana Lúcia Azevedo (2014, p. 164).

O CINEAD, divide-se em três eixos, a saber:

- 1) a pesquisa de filmes brasileiros que abordam a infância e adolescência realizada por um grupo de pesquisa ao qual estão integrados professores do Colégio de Aplicação (CAp/UFRJ);
- 2) a pesquisa da experiência com crianças e adolescentes debatendo filmes sobre essas temáticas;
- 3) a pesquisa da experiência das crianças e adolescentes, alunos do CAp/UFRJ realizando filmes como atores e autores. Azevedo (2014).

O programa de *Cinema Aprender para Desaprender*, faculta às crianças e adolescentes possibilidades de leitura e registro através da produção fílmica do seu próprio universo infantil e adolescente.

E também, da maneira como estes atores se veem inseridos em seus contextos, de como leem e atuam no seu mundo, conseqüentemente, possibilitando ao espectador a leitura destes universos contemporâneos que foram registrados a partir da ótica infantil e adolescente.

A proposta do programa, dando acessibilidade às crianças e adolescentes ao cinema, bem como com a sua produção fílmica, tem a pretensão de, segundo Azevedo, “investigar os diferentes componentes da linguagem cinematográfica, com ênfase na captação das mensagens de criação e recriação cultural, apresentadas pelas personagens infantis e juvenis”.

O programa CINEAD, entre outras propostas, também incorpora o Projeto “*A escola vai à Cinemateca*”, que acontece nas escolas que são escolhidas pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Neste Projeto, há a articulação de contação de histórias tradicionalmente popular e a exibição de curtas e médias metragens, bem como a visitação à Cinemateca carioca.

Portanto, vou registrar aqui a proposta de alguns projetos apresentados em edições anuais do CineOP. Alguns deles, surgidos a partir do *Projeto Inventar com a diferença* que foi também a referência do meu trabalho com audiovisual com adolescentes de 13 e 14 anos.

É bom destacar que minha pesquisa para este capítulo ficou circundada em apenas três edições do CineOP, a saber: 11^a, 12^a e 13^a e na seleção de alguns projetos e relatos apresentados envolvendo cinema e educação e que compõe estes cadernos.

No ano de 1992, no auditório da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, foi feita a exibição do filme *Janela Indiscreta* (1954), de Alfred Hitchcock, com um convite para a abertura para comentários após a exibição. A partir deste dia, nascia ali, o *Projeto Janela Indiscreta Cine-Vídeo UESB*.

A coordenação deste projeto tinha a compreensão de que a obra cinematográfica, completa-se e realiza-se no ato da fruição, e quando assistida de forma coletiva, aumenta a capacidade de percepção humana, abre perspectivas de percepções que não acontecem quando assistidas individualmente.

Este projeto teve como principais ações após a criação e continuidade do projeto *Janela Indiscreta* a Criação do *Cinema Itinerante* e a *Janela de Cinema Itinerante*, objetivou a exibição de cinema preferencialmente brasileiro em várias localidades da Bahia onde não haviam salas de cinema.

Criou também, o *Cinema - Escola e o que se aprende com o cinema*, que buscou dar suporte para se trabalhar com o cinema nas escolas e para formar público jovem, para o cinema, principalmente o brasileiro.

Com o ***Cinema – eis a questão*** o objetivo foi inserir o cinema no conteúdo dos concursos vestibulares realizados pela UESB. A *Mostra de Cinema Conquista*, com propostas de oficinas, cursos, seminários entre outras ações e a *Mostrinha de Cinema Infantil*, com o objetivo de apresentar obras fora do circuito comercial. Além destes projetos, a UESB criou o Programa de cinema audiovisual da UESB, *Procine*, como trabalho de extensão.

O *Janela indiscreta*, segundo registro de Milene de Gusmão e Santos (2018), quando da apresentação deste trabalho em 2018, “já contava com 25 anos”.

Na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no ano de 2008, foi implantado o *Programa de Alfabetização Audiovisual*, sua definição, foi de, segundo Santos (2018, p. 242), “um conjunto de projetos que tem buscado a qualificação do audiovisual presente nas escolas públicas de ensino básico em Porto Alegre”.

Nesta proposta, considerou-se que o audiovisual já estava presente nas escolas de Porto Alegre, em suas variadas formas, a qualificação a que se referia Santos (2018), era o aprofundamento das experiências do audiovisual com os estudantes, buscando aí a autonomia, bem como o desenvolvimento da criticidade destas crianças e jovens.

A partir do *Projeto de Alfabetização Audiovisual*, foi criado o *Festival Escolar de Cinema*, com exibição de variados filmes e atendendo às diversas faixas etárias e diversos níveis de escolaridade, desde a educação infantil até a EJA.² Também o *Projeto Mais Cinema*, que propunha a exibição de três sessões de cinema, para cada grupo de estudantes, antes desta exibição, era oferecida uma formação para os professores participantes do Projeto.

² EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Outra iniciativa foi o surgimento da *Mostra Olhares na Escola*, a partir da *Mostra Estudantil de Vídeos*. A *Mostra Olhares na Escola*, tinha o objetivo de exibir os filmes feitos pelos estudantes nos projetos escolares nas salas de cinema.

O *Programa de Alfabetização audiovisual*, também ofereceu durante cinco anos Cursos de Alfabetização Audiovisual para professores da educação básica. Foi criado também, através deste Programa, *O Vagalume - Laboratório de Estudos em Audiovisual e Educação*, que contempla outros projetos que objetivam ampliar a discussão sobre o audiovisual nas escolas, mantendo a horizontalidade das dimensões, destas discussões, bem como aprofundar e acompanhar os projetos criados nas Escolas, através de uma Assessoria avançada.

Nestes artigos, projetos, relatos, apresentados nos CineOP, os trabalhos e projetos com o audiovisual apresentaram várias facetas e, estas convergindo na formação dos sujeitos, no desenvolvimento da sua criticidade e autonomia. O audiovisual é apresentado como um meio, uma ponte, a transição do sujeito para o mundo e com o mundo.

Nas edições do CineOP, há um espaço para a *Mostra Educação*, e, em sua 11ª edição, desta Mostra, Fresquet e Isaac Pipano (2016, p. 209), afirmam que “desde 2015, esta curadoria tem sugerido um princípio de criação que coloca o realizador mirim, amador, não profissional, em contato direto com as obras de autores de cinema”.

A ideia portanto, nesta edição foi de através da palavra conceito “*Kino*”³ criar categorias, ou seja, *Kino-categorias* para compor esta Mostra.

Estas categorias foram assim definidas: *Kino Lumière*, *Kino mudo*, *Kino carta*, *Kino máquina*, *Kino objeto*, *Kino ambiental*, *Kino animação* e *Kino diversidade*.

Apenas citei as categorias criadas para esta edição, porque em cada uma das edições é criada uma nova possibilidade para a sua apresentação. São categorias

3 Aspas dos autores do texto.

diferentes, mas que mantêm um diálogo com o tema da Mostra do CineOP de cada ano, através da *Rede Kino*.⁴ Mantendo o espaço aberto nas *Mostras de Educação* para as “produções amadoras, de estudantes, professores, servidores, cidadãos comuns”, Fresquet e Pipano (2016, p. 209).

A Mostra de cinema de Ouro Preto, CineOP, em Minas Gerais, é um evento audiovisual brasileiro dedicado à preservação, história e educação. Dentre estas três temáticas, a da educação teve como foco em sua 13^o edição; Escola: memórias do Futuro, como tema norteador dos debates do *Encontro da Educação: X Fórum da Rede Kino*,⁵ buscando a valorização e a identificação da escola pública bem como a sua importância como algo que conserva, cuida e produz memória.⁶

A proposta desta edição, no ano de 2018, homenageando a Escola, definiu em suas categorias de participação, os professores, cineastas e com estes os estudantes. Segundo as informações do 13^o caderno do CineOP, “o dispositivo filmico deste ano, foi organizado em torno das letras do abecedário, inspirado no *Abecedário da Educação*, proposta por Jorge Larosa”.

As palavras sugeridas ou criadas pelo *Abecedário*, serviram de eixo para a produção de pequenos filmes, com a duração de até três minutos, que foram exibidos na *Mostra Educação e Cinema da CineOP 2018*.

Para esta Mostra, os filmes inscritos, foram selecionados por uma comissão de membros da *Rede Kino*. Dentre os selecionados, quatro curtas eram provenientes de trabalhos de professores que aderiram ao *Projeto Inventar com a Diferença, Cinema e Direitos Humanos*, nas Escolas Municipais de Contagem com estudantes do Ensino Fundamental.

4 A Rede Kino, foi criada em 2008, por cinco pesquisadoras, seu principal objetivo era o de ampliar e consolidar o espaço de debate sobre as relações entre cinema e educação. CineOP 13^a Mostra de cinema de Ouro Preto (2018).

5 Rede Latino Americana de Educação, Cinema e Audiovisual – Informação contida na introdução do catálogo do 13^o Mostra de cinema de Ouro Preto – CineOP - 2018.

6 Trecho da introdução do catálogo do 13^o Mostra de cinema de Ouro Preto – CineOP - 2018.

E é sobre o trabalho com o *Projeto Inventar*, que se trata esta monografia, por ele possibilitar as experiências com o audiovisual nas Escolas Públicas. E por ter feito a diferença no aprendizado de estudantes e professores, atendendo em suas propostas a horizontalidade de criar e experienciar, ao utilizar os dispositivos propostos como exercícios, assim como a reflexão e análise, através da temática dos direitos humanos, que colaboraram para o desenvolvimento das possibilidades criativas dos estudantes de 13 e 14 anos com os quais trabalhei em Contagem.

CAPÍTULO 2 - O Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos.

Para apresentar o trabalho que realizei com os estudantes de 13 e 14 anos na Escola Pública de Contagem, a princípio, vou falar um pouco, neste capítulo, sobre as propostas de cursos e trabalhos dentro da linguagem do audiovisual que me foram oferecidas e que culminaram no trabalho vivenciado com esses estudantes através do *Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*.

Pois bem, durante o curso de cinematografia oferecido pela Funec,⁷ no ano de 2014, junto à Rede de Ensino Municipal de Contagem, tivemos a oportunidade de entrar em contato de forma mais aproximada do universo do audiovisual voltado à educação.

Este curso, coordenado por alguns professores da FAE/UFMG, entre eles Inês Assunção de Castro Teixeira,⁸ teve início no mês de agosto de 2014 e no dia 27 de junho deste mesmo ano, havia entrado em vigor a Lei N^o13006/14⁹ que traria a obrigatoriedade de exibição de duas horas de cinema brasileiro nas escolas do país. Certamente, os professores da FAE já tinham um olhar preocupado e atento com a implementação desta lei nas Escolas Públicas de Ensino Fundamental e Médio para o nosso Município.

Neste contexto de trabalho, que acontecia aos sábados e com a oferta de atividades práticas e aulas teóricas, eram discutidas experiências singulares com o cinema e as realidades escolares de cada participante. Foram produzidos pequenos vídeos e a culminância deste curso foi a elaboração de um trabalho cuja temática seriam os muros da Escola.

7 FUNEC – Fundação de Ensino de Contagem.

8 Cito apenas o nome da Prof^a Dr^a Inês Teixeira, porque ela foi a pessoa de nossa grande referência em todo este processo e no decorrer dos trabalhos com o Projeto Inventar.

9 Lei N^o13006/14 de 26 de junho de 2014. Acrescenta: § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: <<https://jusbrasil.com.br/tópicos/lei-n-13006-de-26-de-junho-de-2014>>. Acesso em: 24/11/19.

Para a maioria dos estudantes da Escola pública, os limites que circundam o espaço escolar são de grande significado, embora aqueles, algumas vezes, não se deem conta dos conceitos que já possuem sobre os muros da Escola.

Quando estimulados a uma reflexão sobre os valores concebidos por eles sobre o que está dentro ou fora dos muros da Escola e a sua relação com estes conceitos, é que os estudantes começam a se situar neste espaço. Começam a ler o seu entorno, a se ver neste contexto, a adjetivar esta relação.

Então, nesta atividade do curso, eu escrevi um poema, *Muro, muralha, monumento*, que mais tarde me serviu também como material didático dentro do processo de execução do trabalho que apresentarei no próximo capítulo.

No ano de 2016, a FUNEC organizou o *1º Fórum de Cinema de Contagem* convidando, novamente, os professores da Rede Municipal de Educação.

A temática deste Fórum foi a implementação da Lei Nº 13.006/14 especificamente para as Escolas da Rede Municipal de Contagem e da FUNEC.

Foram elaborados, portanto, a partir das discussões e debates feitos pelos presentes, nos dias 28, 29 e 30 de abril, os princípios e pontos considerados importantes para a implementação desta lei. Foi criado também, um grupo de trabalho, o GT de Cinema, que levou adiante as discussões e demandas para a implementação da Lei Nº13.006/14 nas Escolas do Município, a princípio as que tinham representatividade no GT.

Este GT, foi formado por professores da Rede e da FUNEC e coordenado pela professora Inês Assunção de Castro Teixeira, tendo encontros quinzenais. No transcorrer destes encontros do GT, foram discutidos autores ligados à Educação e ao Cinema, como a Dr^a em Educação Eli Terezinha Henn Fabris e Dzigz Vertov, foram feitas pesquisas e exibição de filmes para debates e seleção para se trabalhar com os estudantes. Houve oportunidades para reflexão das práticas docentes, bem como das questões sociais, econômicas e culturais dos estudantes das Escolas ali

representadas, pensando na perspectiva de trabalhar com o cinema nestas Escolas.

Este projeto, o *Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*, foi criado pelos professores da UFF, a partir de um convite que receberam em 2012, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, com a proposta de trabalhar com a temática dos direitos humanos e com o cinema dentro das Escolas, tendo este Projeto, uma abrangência nacional.

O *Projeto Inventar com a Diferença*, foi oferecido a todos os participantes do GT, mas havia apenas dez vagas disponíveis. Seu proponente era o *Grupo Mutum* da FAE/UFMG. O *Projeto Inventar*, teve sua duração prevista para o período de um ano, sendo que para nós, o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2017, e a culminância foi a apresentação de uma narrativa fílmica de até dez minutos.

Para a inserção do *Projeto Inventar com a diferença* nas Escolas, após a escolha dos participantes, o *Grupo Mutum* ofereceu para os professores que aderiram ao Projeto, minicursos, oficinas, rodas de conversa e outras modalidades de trabalho durante o período estimado para a sua execução. Tivemos um grande encontro em cada um dos semestres, um com todos os professores participantes e outros encontros ao longo das vivências de todo o Projeto, nos quais trocamos experiências, produzimos textos, assistimos filmes, lemos e refletimos, nos preparando para o trabalho nas Escolas com os estudantes.

A metodologia de trabalho do *Projeto Inventar*, coordenado por Migliorin e outros profissionais da UFF, estava alicerçada na temática dos direitos humanos, e, em nossos encontros do GT de cinema, eram exibidos curta metragens dentro desta temática, algumas vezes com convidados para enriquecer, as rodas de conversa ou debates sobre a abrangência de cada filme.

A proposta do *Projeto Inventar com a Diferença, Cinema e Direitos Humanos*, é de oferecer possibilidades para os professores, interessados em trabalhar com o audiovisual e que estes, possam montar e organizar os módulos de aula para o

trabalho com os estudantes através dos dispositivos criados pela equipe do Inventar. Ela também é aberta para oficinairos.

Migliorin, avalia no livro, *Inevitavelmente Cinema: Educação, Política e Mafuá*, a importância do professor, como protagonista em um trabalho como este com o audiovisual junto aos estudantes dentro de uma Escola. Para ele, a importância que tem este protagonista, junto ao Projeto, é a de quem vai possibilitar as vivências, as invenções, as criações com o cinema, e se elas serão marcantes ou não para estudantes e para a Escola, porque o professor faz este elo, entre Projeto, estudante, Escola.

O professor está ali todos os dias, convive e de certa forma conhece seus estudantes, dialoga com a comunidade na qual a Escola está inserida, e tem suas relações pedagógicas com a comunidade escolar da qual participa de forma ativa no transcorrer de trabalhos como este.

E para que os professores candidatos a trabalhar com o audiovisual no *Projeto Inventar*, se tornassem protagonistas junto à proposta que levariam às Escolas, neste primeiro momento, foram apresentados, na oficina, alguns dos dispositivos propostos no caderno do Inventar.

Estes dispositivos, de caráter lúdico, têm o objetivo de proporcionar aos estudantes as possibilidades de experimentar o mundo, vendo, analisando, registrando.

O mundo é na verdade, ressignificado pelos estudantes que diante de uma câmera, com a qual eles registram as impressões que querem apreender e que, algumas vezes, são situações outrora menosprezadas, pelo costume cotidiano de ver e não enxergar.

Mas o olhar muda, desperta, se abre a inúmeras possibilidades, de leituras e registros através da utilização prática destes dispositivos.

Dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias (MIGLIORIN et al.: 2014, p. 22).

As temáticas dos dispositivos trabalhados nesta oficina, foram de cores, texturas, máscaras, luz e sombra, lá longe, aqui perto, entre outros. A partir desta exibição foi dada a orientação para a produção pelos professores presentes, de um pequeno vídeo com cerca de cinco minutos, observando os elementos dos dispositivos e criando uma narrativa através das cenas produzidas.

Neste encontro, ao término do exercício de filmagem, houve a exibição e a apresentação de cada trabalho, bem como a análise e debate entre os presentes dos produtos das filmagens. Esta proposta de produção dos vídeos, a análise e discussão destes trabalhos, já era na verdade nossa preparação para protagonizar os trabalhos com o audiovisual e os direitos humanos junto aos estudantes nas Escolas.

Concomitantemente, a estes encontros e oficinas, a coordenação do *Grupo Mutum* tomava as providências para assegurar a efetivação do *Projeto Inventar* junto à Seduc,¹⁰ e às Escolas envolvidas. A primeira ação da coordenadora do Projeto, a professora Inês Teixeira, foi marcar uma reunião com todos os gestores das Escolas envolvidas, com a anuência da Secretaria de Educação do Município, para apresentar a proposta do Projeto e as demandas necessárias para sua execução em cada unidade. A ideia era que os gestores entendessem o Projeto, apoiando sua execução e que auxiliassem com a organização das Escolas no que dizia respeito aos espaços físicos, materialidades e na busca do apoio dos demais professores.

Antes de começar o Projeto com os estudantes do 8º ano, em 2016, a direção da Escola Municipal na qual eu trabalhava abriu espaço para que eu apresentasse a

¹⁰ Seduc – Secretaria Municipal de Educação de Contagem.

proposta do *Projeto Inventar com a diferença* para os demais professores e funcionários.

Esta ação junto aos colegas professores, pedagogos e demais funcionários da Escola, foi de grande importância para todos nós, para os colegas no sentido de que estavam tomando ciência da Lei Nº 13.006/14 da qual nenhum deles nunca havia ouvido falar. A partir deste dia até a finalização do *Projeto Inventar*, tivemos o apoio de todos os colegas, os quais colaboraram de alguma forma para sua execução, mesmo que alguns deles não o compreendessem de pronto.

No mês de setembro de 2016, começamos as atividades do Projeto Inventar com a Diferença Cinema e Direitos Humanos, com as três turmas de 8º ano da Escola Municipal Coronel Antônio Augusto Diniz Costa. Eu trabalharia com o *Projeto Inventar* na perspectiva dos Direitos Humanos e na produção de curta metragens com os estudantes. A proposta final do Projeto, seria a produção de um Filme-carta,¹¹ então, optei para que cada turma fizesse o seu, por entender que eram turmas com perfis distintos e certamente a diversidade dos produtos poderia ser bem interessante, além de oportunizá-los com mais tempo de produção.

A ideia para a elaboração dos Filme carta, neste contexto, foi primeiro da produção de vários Minutos Lumière, filmados pelos estudantes, nos locais escolhidos pela turma. Para este trabalho de campo, a organização foi para passarmos a manhã nos locais escolhidos. Os mediadores do *Projeto Inventar com a Diferença*, Ana Lúcia Faria de Azevedo e Alexandre Pimenta nos acompanharam. As orientações técnicas foram dadas por eles, que também disponibilizaram câmeras e tripés para as filmagens.

11 Projeto final das oficinas nas escolas. [...] o Filme-carta traz a possibilidade de se corresponder através do cinema, enfatiza a potência de fazer com que as imagens e os sons desses estudantes falem sobre eles e seus territórios, sobre o que conhecem e inventam com o cinema e com o outro (Migliorin et al.: 2014, p. 22).

Posteriormente, foi selecionado junto aos estudantes as cenas que fariam parte da narrativa escolhida por eles e a ordem na qual seriam editadas.

Para a elaboração do Filme carta, era preciso que os estudantes criassem um texto para se comunicarem com o destinatário de cada Filme. Este foi o momento mais difícil do processo.

Foi perceptível a grande dificuldade que eles tinham em escrever uma carta, em descreverem um lugar. Foi solicitada a ajuda do professor de Língua Portuguesa destas turmas, Washington de Miranda, que prontamente auxiliou e orientou os estudantes, minimizando esta dificuldade.



Acervo particular –Escrevendo a narrativa para o Filme Carta 9º ano – 2017.

No capítulo seguinte, quero mostrar a dilatação que propus nas entrelinhas deste Projeto aos estudantes, buscando com eles, o despertar de suas possibilidades criativas, através das suas práticas, análises críticas, produções fílmicas e nas artes visuais.

CAPÍTULO 3: Reflexões sobre os resultados dos trabalhos com o Projeto Inventar com a Diferença.

Neste capítulo, relatarei alguns dos caminhos escolhidos por mim para trabalhar o *Projeto Inventar com a Diferença*, utilizando a sua proposta de produção filmica e metodologia de trabalho com o tema dos Direitos Humanos. Associando-os às aulas de Arte e a teoria da História da Arte, na observância do envolvimento dos estudantes de 13 e 14 anos acerca de suas possibilidades criativas.

Eram, portanto três turmas de 8º ano em 2016, que se tornaram as três turmas de 9ºano, que tive para a continuidade e finalização do Projeto em 2017.

Tínhamos, então, duas aulas de Arte semanais e uma a cada quinze dias, das quais uma semanal era para o Projeto, nela, ora assistíamos os vídeos dos dispositivos ora produzíamos. E ainda, uma vez ao mês assistíamos um curta com a temática de direitos humanos. A outra aula semanal era para o cumprimento da Matriz de Referência de Arte do Município e na aula quinzenal estudávamos teoria da História da Arte.

O trabalho executado junto aos estudantes da Escola Municipal Coronel Antônio Augusto, seguiu as propostas dos dispositivos apresentados pelo livro *“Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos”*. Começaríamos a nossa incursão pelo Projeto através da fotografia. Acordamos que trabalharíamos em grupos de no máximo cinco estudantes e que aqueles que não tivessem aparelho celular, poderiam contar com o compartilhamento de algum colega.

As primeiras atividades que o Projeto propunha eram a exibição de alguns vídeos, curtas do DVD que acompanhava o livro do Projeto Inventar. Estes vídeos traziam aspectos como: luz e sombra, cor, textura, perspectiva, profundidade, linhas e curvas, figura fundo, escalas de planos, entre outros, e a partir daí, viriam as propostas práticas com fotografias e filmagens.

Como me propus, neste Projeto, a trabalhar com as duas linhas por ele oferecidas: produção de curtas e a análise de filmes sob a temática dos Direitos Humanos,

exploraríamos os dispositivos estudados nestas duas possibilidades, ou seja, na apreciação das obras fílmicas e na produção dos Minutos *Lumière*.

Então, comecei exibindo para as turmas os vídeos que apresentavam os dispositivos: cores, texturas, luz e sombra.

Em determinado momento da experimentação do Projeto, surgiram questões sobre quais critérios ou regras norteariam os estudantes antes de fotografar.

Então, antes de prosseguirmos com o Projeto, fiz breve recuo, sem que a exibição do dispositivo escolhido se perdesse, mas com a intenção de que os estudantes comesçassem a refletir sobre suas práticas neste processo, que se colocassem, que criticassem, perguntassem, discordassem, concordassem, enfim, que não fossem meros cumpridores de tarefas.

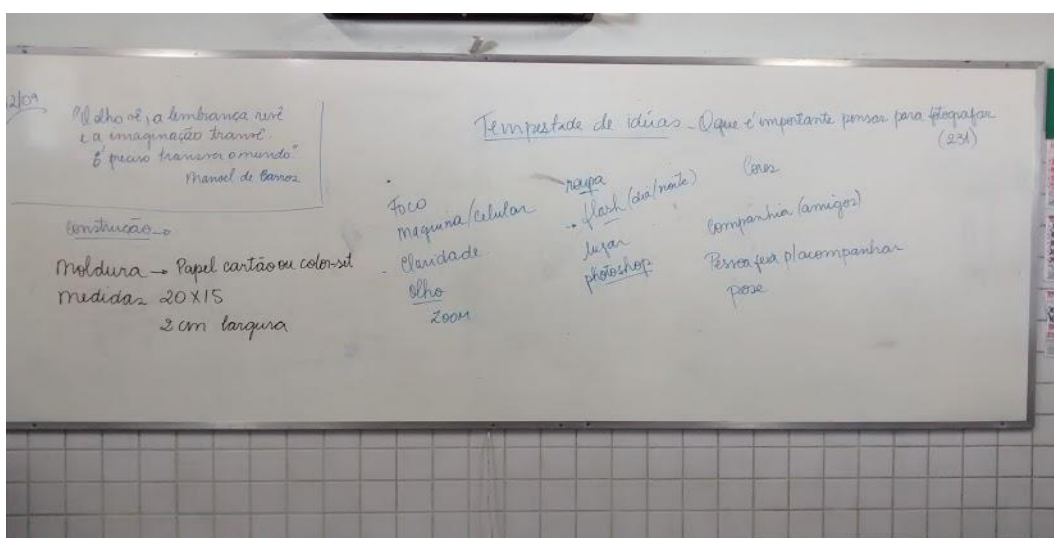
Vinha observando ao longo dos anos, como professora de Arte dos anos finais da Educação Básica, que muitos estudantes desta faixa etária, entre 13 e 14 anos, não acreditavam em seu potencial criativo. Normalmente os estudantes elegem um ou dois colegas de turma que tenham o “dom”,¹² de criar segundo eles, e se privavam em seus processos de criar, se satisfazendo com o resultado do trabalho de seus eleitos, muitas vezes sem querer se aventurarem a pelo menos tentar explorar seu potencial.

E em contrapartida, por eu concordar com a afirmação de Simone Wechsler (1993) de que: “toda pessoa tem capacidade de ser criativa e cada pessoa tem uma maneira diferente de expressar sua criatividade”, eu escolhi justamente os estudantes de 8º e 9º ano para com eles trabalhar o *Projeto Inventar*, por acreditar nas possibilidades de mudança de seus processos criativos através do audiovisual. Sugeri então, que fizéssemos uma tempestade de ideias, técnica criada por Alex Osborn em 1953, Wechsler (1993). Utilizei, portanto, o quadro branco para os

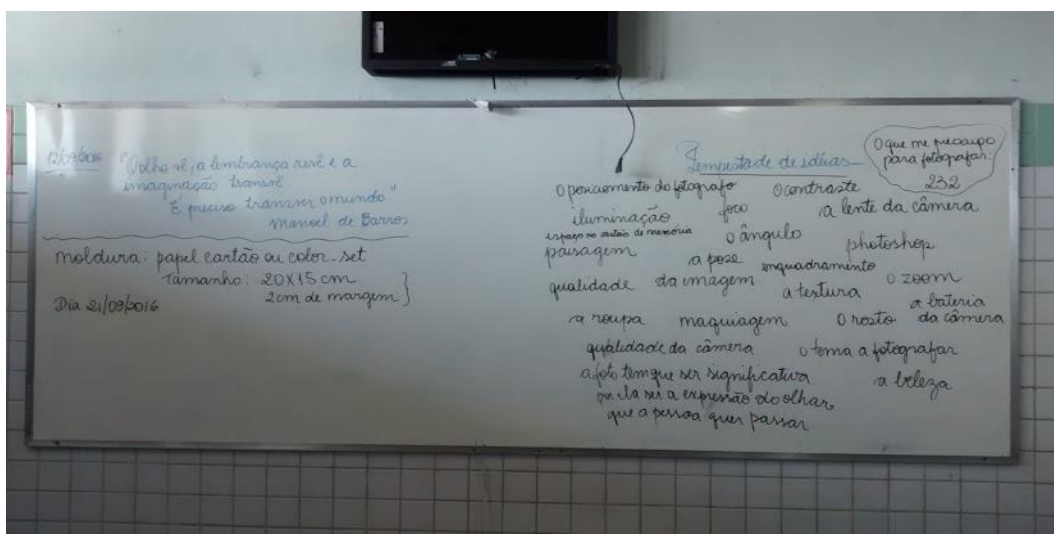
12 A Ideologia do Dom está fundada em base filosófica idealista, apresentando também um caráter ideológico liberal quando pressupõe que o artista é pré dotado misticamente pelo “dom”, ou quando o justifica pelo determinismo biológico – “nasce artista” (AZEVEDO, 2003, p.28).

registros das respostas dos estudantes que às vezes eram um pouco demoradas. Mas como esta prática reflexiva não era um hábito para eles, o processo deveria transcorrer em seu tempo de resposta.

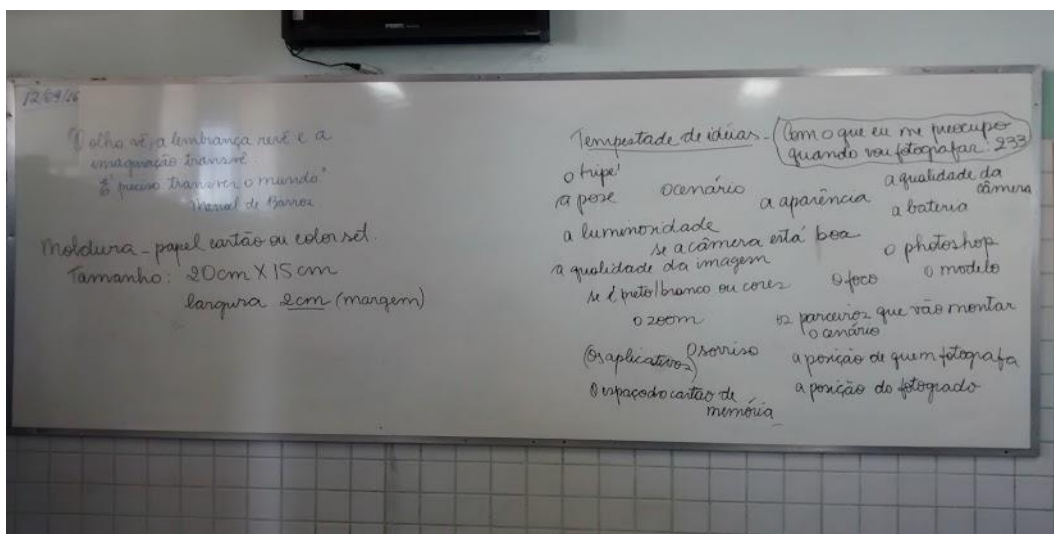
As perguntas em questão eram: “com o que eu me preocupo para fotografar”? Ou, “o que é importante pensar para fotografar”? Após os registros e é bom ressaltar, nem todos se sentiram à vontade para falar, o que já era esperado por mim, para uma primeira experiência como esta que fizemos, na qual eles se exporiam de alguma forma, mas ponderei: não existe aqui uma resposta certa ou errada.



Acervo particular – tempestade de ideias – turma 231 / 8º ano – 2016.



Acervo particular – Tempestade de ideias – turma 232 / 8º ano – 2016.



Acervo particular – Tempestade de ideias – turma 233/8ºano – 2016.

Após os registros, lemos e discutimos cada item, em cada sala.

Neste momento, avaliava com a realização de este exercício a possibilidade de ter uma perspectiva do que era relevante para eles ao fotografar e a viabilidade de poderem perceber aquilo que era relevante para seus colegas, respeitando-os em sua forma díspar de valorar, mas sobretudo sem críticas sobre o que seria certo ou errado. Esta técnica, me permitiu pensar que os estudantes já traziam consigo elementos básicos para o exercício da fotografia. E quem ainda não os tinha, ou não sabia que os tinha, teve a oportunidade de conhecê-los.

Ao final destas análises, pedi, aos estudantes que trouxessem para a nossa discussão os elementos identificados nos vídeos exibidos anteriormente a esta atividade, ou seja, com os dispositivos: cores, textura, luz e sombra. Pedi que pensassem se tais elementos tinham sido lembrados nos registros da tempestade de ideias e se eles eram relevantes para serem observados ao fotografarem.

Então, os estudantes se organizaram livremente em pequenos grupos e utilizando seus celulares e as molduras de papel por eles confeccionadas, pensando os aspectos observados nos vídeos; luz, sombra, cor e textura para produzirem suas fotografias. A escolha do que fotografar estava livre para os grupos, mas cada um deveria fazer o seu exercício.



Acervo particular – Fotografia com moldura – Textura, 2016.

Eu exibi, as fotografias tiradas pelos estudantes através do PowerPoint, no anfiteatro, onde nos reuníamos todas as sexta-feira. Eles comentaram suas escolhas, analisamos juntos os elementos dos dispositivos previamente apresentados e que foram de suas escolhas.

Observando a seriedade com a qual eles estavam analisando suas fotografias e as dos colegas, se auto criticando sobre o resultado, o enquadramento que não teria ficado bom, inculquei-me de que este possivelmente seria o caminho, ou seja, o de explorar as linguagens da Arte junto ao audiovisual, numa produção consciente e gradativamente possibilitando caminhos para a auto apropriação dos processos criativos com os estudantes.

Posso dizer que esta, auto apropriação não foi apenas deles, mas minha também, assim como comenta Migliorin (2015), “é pela experiência que o professor pode sair do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos – um deslocamento que se faz essencial para uma dinâmica mais horizontal da produção de conhecimento”. E foi bem assim, foi uma viva experiência prática, dinâmica, para eles e para mim.

A dificuldade que eu tinha, nesta época com o uso das tecnologias das quais utilizaríamos, os meus entraves de professora, ainda ligados à cobrança aos

estudantes, de uma disciplina comportamental, entre outras coisas, não fosse a enorme desenvoltura da maioria deles, diante de tudo o que se dizia tecnologia, aliado à sua enorme paciência e generosidade ao me ajudarem com a aparelhagem que nos era necessária neste processo, o Projeto teria fracassado nesta Escola.

Parece incoerente falar que adolescentes podem ser pacientes, mas eles são. Na medida em que se percebem úteis, que o contexto no qual se sentem inseridos suscita a cooperação, numa perspectiva de que o coletivo da sala de aula, neste caso do Projeto fluiria melhor, se a colaboração se fizesse efetiva.

Avalio mesmo que nesta troca de aprendizagens, nesta inversão de papéis, que a minha prática pedagógica equivocada em alguns pontos, começou a ser repensada, reconsiderada e conseqüentemente mudada no transcorrer deste trabalho.

Percebo agora, fazendo estes estudos e análises, que todos nos reinventamos de alguma forma, quando nos envolvemos em um Projeto como este, definitivamente, estes estudantes e a professora, não seriam mais os mesmos ao seu término.

Mas o que vale afirmar aqui é que os estudantes, à medida que se interessavam mais, se envolviam mais com a dinâmica de nossos trabalhos, se mostravam mais parceiros uns dos outros, mais autoconfiantes, faziam-se mais disponíveis e desenvoltos.

As possibilidades da sua livre expressão diante de uma câmera com a produção de uma fotografia e posteriormente dos Minutos Lumière, era a expressão deles mesmos, dos próprios estudantes, era a sua essência registrando e mostrando aos outros as suas escolhas, sem filtros sem hierarquizações. Estes são, também, resultados claramente perceptíveis dentre as experiências com o audiovisual, como nos afirma Azevedo:

Por não exigir pré-requisitos em termos de competências manuais, físicas ou intelectuais e nem os saberes pertencentes aos conteúdos tradicionalmente estudados na escola, a criação cinematográfica coloca em questão as hierarquias baseadas no saber/poder, presentes nas atividades dos territórios da escola, AZEVEDO (2014, p. 176).

No 2º capítulo, relatei sobre os trabalhos que fizemos nos GT's de Cinema, coordenados pela Professora Inês Teixeira, a atividade que fizemos como trabalho final tinha como tema: os muros da Escola. Escrevi, para este trabalho final um poema que neste momento de trabalho do *Projeto Inventar*, com os estudantes, achei pertinente resgatá-lo.

Fizemos a leitura do poema e os estudantes fizeram uma análise sobre o que representavam os muros da Escola para eles, a partir de algumas questões que sugeri que pensassem: Como vocês se veem e como se apropriam do que está dentro destes muros? E o que está fora destes muros? Qual é para vocês a função destes muros? E se a Escola não tivesse mais muros?

Muitos dos estudantes falaram da segurança e da insegurança, da função de limitar, de guardar e de proteger, que os muros da Escola tinham para eles. Da função de manter a violência fora da Escola. Alguns estudantes, defenderam que a Escola sem muros seria mais alegre, mais acessível, já outros não concebiam a ideia de ela não ter muros, estaria desprotegida, seria facilmente assaltada.

Muro, Muralha, Monumento

(Denise Betônico Neiva, 2014)

Ergueram um muro, ergueram um muro no entorno da Escola.

Fica lá, imóvel, intrépido.

Impõem-se no silêncio dos dias e das noites,

Às vezes veste-se das vontades alheias, das modas, das artes, das festas e de outras besteiras.

Aceita tudo sempre mudo.

Alguns pela solidez de suas pedras e serenidade de sua robustez duram anos...

São para uns, segurança, para outros ameaça.

Guardam segredos, tesouros e ameaças.
Limitam a vida, o acesso, a visão, a vontade.
Por vezes libertam os que estão dentro e aprisionam os que estão fora.
Mas também existem outros muros além da Escola.
Uns são enormes, outros tão longos que a vista demora na procura do seu fim.
Uns tem nome como o de Berlim,
Outros são verdadeiros caminhos são pontes que mudam seu nome, são chamados: Muralha.
Mas não mudam seu fim.
São assim: rígidos, rústicos e sérios.
São muitos enfim os muros que vi;
Uns delicados, outros imponentes,
Uns coroados de espinhos e vidros brilhantes,
São muros cortantes.
Deixam dentro o que está dentro e fora o que está fora.
São molduras mudas que como em museus, emolduram obras lindas,
Ou a dura realidade das vidas.
A soturnez das noites ou a alegria dos dias.
Emolduram a educação de hoje e a de ontem,
Emolduram as dúvidas e as certezas,
A física, a história e a matemática.
São tão fortes e sérias molduras, são tão ternas e eternas, que emolduram até
O verbo.

A partir desta aula, percebi que o olhar dos estudantes sobre as dependências da Escola, a sua materialidade, por exemplo, se tornou mais interessado, valorativo, eu diria. A partir desse momento, nos propusemos a abrir nossos olhares, câmeras e celulares, também para o que estava fora dos muros da Escola.

Mas este olhar para fora dos muros da Escola, não deveria ser meramente da sua estrutura física alcançando as estruturas do seu entorno, a ideia era que os estudantes lessem, analisassem, observassem o que havia para ser visto, o que lhes interessava ver e exibir.

Imagens e cenas que para eles haviam se tornado rotina, imagens inexpressivas de pessoas, animais, plantas, cores, texturas, sombras, luz. Enfim, que eles olhassem, percebessem, registrassem o que o entorno da Escola lhes dizia de significativo para o seu universo adolescente. Para a criação destas cenas que eram pedaços que formariam a produção final, fomos orientados a filmar o minuto, chamado neste Projeto de Minuto Lumière.

O Minuto Lumière, é um dispositivo, no qual, ao filmar um plano, escolhe-se a cena, posiciona-se a câmera que deve permanecer parada, a filmagem dura um minuto.

A explicação sobre o que é o Minuto Lumière, dentro da proposta do *Projeto Inventar*, feita por Migliorin, nos esclarece:

Considerando o marco inicial da história do cinema, em 1885, os irmãos Lumière inventam o cinematógrafo, um aparelho que permite registrar uma série de instantâneos fixos (fotogramas) que, quando projetados, criam uma ilusão de movimento. Com o cinematógrafo imóvel, as imagens eram filmadas em rolos de película com cerca de 17 metros, atingindo aproximadamente 50 segundos de duração.

O motivo do exercício ser chamado de “Minuto Lumière” é uma referência a essas imagens: realizar o plano de um minuto retornando à maneira como eram feitos os primeiros filmes da história do cinema

MIGLIORIN (et al.: 2014, p. 37).

Neste ponto, também iniciamos os trabalhos com a temática de direitos humanos, eu escolhi para começar o curta: *Do meu lado* (2016), sob direção de Tarcísio Lara.

Antes de prosseguir, gostaria de dizer da relevância da interligação destas propostas, embora as atividades fossem diferentes, produzir Minutos Lumière e assistir à exibição fílmica com a temática dos Direitos Humanos. Os elementos constitutivos para a execução de uma e outra, eram basicamente as mesmas. Modificando, entre elas, o papel dos estudantes, que poderiam ser produtores e/ou espectadores.

Como produtores de Minutos Lumière, por exemplo, eles já observavam e identificam esta proposta ao participarem de nossas atividades cineclubistas. Os processos estavam interligados, os estudantes estavam fazendo as conexões. Eles viam claramente quando o dispositivo em cena era um Minuto Lumière e faziam questão de pontuar sua observação a este respeito, era a sua apropriação por este dispositivo.

Pois bem, observei o envolvimento e a expectativa dos estudantes ao assistirem esta nossa primeira proposta de atividade cineclubista, com a temática de Direitos Humanos: *Do meu lado*. Considerei-a uma proposta relevante para eles, na medida que aberto o debate, eles se posicionaram.

Muitos deles se mostraram tímidos e até mesmo sem saber o que poderiam dizer. Ponderei que poderiam relatar todas as suas impressões, o que lhes passasse pela cabeça sobre o enredo do curta exibido. Os estudantes se sentiram um pouco mais à vontade, alguns, meio desconfiados e os mais falantes abriram o debate.

Não achei conveniente nesta primeira exibição pensarmos na análise a partir dos dispositivos com os quais havíamos começado os trabalhos, mas esta seria também a proposta para a próxima exibição: *Abraço de Maré (2013)*, sob direção de Victor Ciriaco.

Nesta proposta, leríamos, analisaríamos o filme, também, a partir de outros elementos, pensando por exemplo, em quais impressões a luz, a sombra; o claro, o escuro; o som, o silêncio; a aproximação da câmera, o seu recuo, poderiam

suscitar neles, os expectadores. E, sobre o enredo do curta, estaria novamente livre para os debates...

E, a partir desta liberdade de expressão, os estudantes, pouco a pouco iam se sentindo mais à vontade. Algumas vezes se identificavam com as histórias das personagens, ou com a de algum parente ou mesmo casos da comunidade.

Percebia que estas propostas cineclubistas ofereciam a eles, sem que percebessem a princípio, possibilidades de reflexão sobre si mesmos, sobre suas relações dentro da Escola, com seus pares, com as suas produções artísticas, com os seus processos de expressão.

Estas considerações são para mim importantes de serem registradas, porque este trabalho executado, embora tivesse uma separação de propostas; produção de curtas, atividades cineclubistas e o Referencial Curricular do Município, acabou se tornando um projeto único.

O olhar crítico do estudante que escolhia o melhor ângulo, a iluminação, a distância, ao abrir um plano ou fotografar, passou a ser o mesmo com relação à identificação por exemplo, das escolhas feitas pelos cineastas que eles estavam assistindo nas exibições dos curtas dos direitos humanos. Os estudantes estavam discriminando o uso dos dispositivos estudados e aplicados por eles, nas cenas dos curtas exibidos.

Nas aulas de Arte, as análises que fazíamos das pranchas dos pintores de vários períodos que estudamos em História da Arte, ao longo deste ano de Projeto, por exemplo, pude observar como foram sendo enriquecidas ao lê-las.

Justamente porque eles, estavam se apropriado dos elementos dos dispositivos, através das atividades de produção e análise fílmica, como ao falar das cores e da luz, das texturas, das emoções percebidas nas personagens retratadas, das cenas que pareciam vivas e em movimento, em conjecturar situações ou simplesmente descrevê-las.

Não que estas mesmas análises técnicas já tivessem sido feitas muitas vezes, anteriormente, mas percebo que as aulas apenas expositivas com as pranchas, por mais interessantes que eram para os estudantes, tornaram-se ainda mais convidativas e explícitas em seu valor estético, após as vivências de produção e análises fílmicas.

Seguindo esta organização de trabalho nas aulas de Arte, com os estudantes, com produções de Minutos Lumière e diversificação das propostas de exercícios para que também pudessem ser feitas em casa, mantendo atividades de exploração dos espaços internos da Escola, a exibição e análise dos filmes de direitos humanos e também, toda a proposta que o Planejamento da disciplina de Arte, percebia que havíamos progredido consideravelmente.

Mas, em fevereiro de 2017, fui convidada a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação como Formadora dos professores de Arte desta Rede de Ensino. Minha primeira preocupação em aceitar o convite, foi sobre como faria para concluir o *Projeto Inventar*.

Solicitei, então à Secretaria que me autorizasse a continuar na Escola para concluí-lo. Havíamos chegado com os trabalhos até o ponto no qual cada turma havia escolhido um lugar, um espaço, que lhes fosse significativo no município de Contagem para fazermos a filmagem dos Minutos Lumière, que culminariam no produto do *Projeto Inventar*, o Filme carta.

A Secretaria de Educação me autorizou a concluir o Projeto então, eu pude acompanhar os estudantes nos trabalhos de campo, organizar com eles a escolha das cenas para a montagem do curta, acompanhar junto com a Ana Lúcia Farias e o Alexandre Pimenta, as primeiras edições do Projeto e principalmente, finalizá-lo com os estudantes. Para este trabalho, solicitamos autorização para a saída da Escola nos dias propostos para os trabalhos de campo, bem como o uso da imagem de cada um deles.

Autorizações dadas, lá fomos nós para a estrada...

Os estudantes escolheram os seguintes lugares em Contagem: turma 331, a Praça Tancredo Neves (Praça da Prefeitura); turma 332, a Praça das Jabuticabas; turma 333, A Casa de Cacos.

Esta escolha foi finalizada, depois de cada turma ter feito uma sugestão aberta a todos e uma votação para os três lugares mais sugeridos por eles.

As duas praças são lugares de fácil acesso para o bairro onde a Escola se localiza e, onde a maioria dos estudantes mora, sendo, portanto, estes espaços frequentados por estes adolescentes, para a prática esportiva e lazer.

A Casa de Cacos, é um Patrimônio localizado no Bairro Bernardo Monteiro, onde também se localiza a Escola, embora esteja fechada e inspirando cuidados de restauração há muito tempo, ela ainda existe por causa do reconhecimento dos moradores sobre seu valor, sobretudo o afetivo. Daí a escolha de uma das turmas ter sido por ela.

No mês de maio de 2017, retornei à Escola para fazermos estes trabalhos de campo com cada uma das turmas com a Ana Lúcia Farias e Azevedo e pelo Alexandre Pimenta, que levaram as câmeras, tripés e orientaram os estudantes sobre as técnicas de filmagem na produção dos Minutos Lumière.

O nome do produto de cada turma, também passou pelo processo democrático da escolha e o resultado ficou assim:

- A Casa de Cacos: De caco em caco;
- A Praça das Jabuticabas: Jabuticultura;
- A Praça Tancredo Neves (Praça da Prefeitura): O colorido da cidade.

A edição de cada curta metragem foi feita por um representante de sua turma, na Escola, sob a orientação dos mediadores Ana Lúcia Faria de Azevedo e Alexandre Pimenta, que fez a edição final de todos os vídeos.

Depois de finalizados os vídeos, foi organizada a sua exibição para todo o turno. Os estudantes do 9º ano fizeram a divulgação de seus trabalhos e os demais estudantes da Escola, do 4º ao 8º ano foram seus convidados para a exibição dos curtas no anfiteatro.



Figura 5 – Acervo particular, Convite para exibição de curtas

Esta foi, portanto, a proposta de trabalho desenvolvida com os estudantes de 13 e 14 anos, na Escola pública, a partir das sugestões dos módulos apresentados pelo *Projeto Inventar com a diferença*.

CONCLUSÃO

Tendo como ponto de partida alguns dos projetos e programas contemplados neste trabalho e que trazem o audiovisual como cerne de suas propostas, dentro e fora do nosso país, destaquei, o *Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*, com o qual tive a oportunidade de trabalhar com estudantes de 13 e 14 anos.

Foi possível identificar, no transcorrer deste trabalho, certa apropriação por parte dos estudantes de suas possibilidades criativas a princípio, negadas ou ainda desconhecidas por estes.

Um aspecto que destaco aqui e abordei no primeiro capítulo deste trabalho, quando apresentei o programa CINEAD, é a importância da Escola neste contexto, com a exibição de filmes de arte.

Constatarei que os estudantes com os quais trabalhei não conheciam filmes de arte, nunca haviam tido oportunidade antes deste projeto de assistir nenhuma proposta cinematográfica de arte. Estes estudantes estranharam o filme em preto e branco, na primeira exibição que assistiram, acharam feio, embora o filme fosse do ano de 2013, eles o classificaram como sendo filme velho.

O estranhamento, avalio, é muito positivo. Ele chama atenção, desestabiliza, questiona, desacomoda. E a partir deste desconforto, os estudantes foram se apropriando da busca pelo diverso, o inusitado, mesmo que ele, o inusitado, estivesse entre possibilidades simples e corriqueiras.

Nesta abertura de possibilidades, na diversidade dos dispositivos trabalhados, no enriquecimento gradativo das análises filmicas feitas com a temática dos direitos humanos, também contemplada pelo *Projeto Inventar*, os estudantes de 8º e 9º ano, foram se apropriando enquanto adolescentes, de novas formas de expressão através do audiovisual.

Nestas análises, a partir da exibição fílmica, das fotografias tiradas pelos estudantes ou de suas produções de Minutos Lumière, que aconteciam com cada uma das três turmas, ficou marcante a apropriação deles da linguagem cinematográfica e dos seus elementos.

Esta apropriação dos elementos cinematográficos e dos dispositivos experimentados que, durante estas análises eram transformados em instrumentos de leitura e de comunicação, num contexto coletivo, foram fortalecidos, pela minha observação, justamente por estarmos em grupo, por compartilharmos ideias, práticas e impressões.

Os exercícios de assistir, observar, analisar, refletir, questionar, criticar, negar, afirmar, silenciar, rir, chorar, experimentados num contexto coletivo, colaboram para que todos, de alguma forma, nas mais variadas proporções, vivenciassem algumas destas possibilidades de participação.

A participação dos estudantes, acabou se transformando em coparticipação, com aprendizagens diversas acontecendo num mesmo espaço, de formas diversas com sujeitos diversos que se aceitavam mutuamente, e foram aprendendo a respeitar a expressão do outro, mesmo que não concordassem com ela.

Percebo aí, a garantia de uma das propostas do *Projeto Inventar com a Diferença*, que é o trabalho com a diferença, com o diverso, com o inusitado. Porque a maneira de aprendermos é mesmo diversa e, diversos são os caminhos e possibilidades que o audiovisual trabalhado nas Escolas nos faculta através da diversidade do inventar que cada estudante deflagra a seu tempo e forma criativa.

E, através destas deflagrações criativas, construídas de forma coletiva, num trabalho que parte da individualidade dos sujeitos, para os quais foram oferecidas possibilidades diversas de experienciar a leitura e a escrita do mundo que os circunda através do audiovisual, pude constatar certa expansão criativa.

Uma vez deflagrados os dispositivos individuais de criação através das atividades coletivas vivenciadas, estes estudantes, naturalmente foram-se afirmando em

outras atividades que lhes possibilitavam criar, mesmo que não fosse com o audiovisual.

Os entraves e resistências que a maioria destes estudantes apresentava antes e ao iniciarmos este Projeto, foram se esmaecendo na medida de sua apropriação dos processos de criar em cinema.

A proposta cada vez mais ativa de produzir curta metragens e os variados exercícios que a precederam, bem como as análises fílmicas, as aulas de Arte e História da Arte, dentro dos planejamentos do ano escolar, foram caminhos diversos que confluíram na apropriação das possibilidades criativas dos estudantes de 13 e 14 anos, numa situação que para mim foi inesperada.

Minhas expectativas primeiras neste Projeto, eram a da produção fílmica e a do trabalho com a temática dos direitos humanos, apenas.

No início do Projeto, pensava em seu produto final como a materialidade filmada de cada turma e na reflexão e apropriação positiva e produtiva dos estudantes sobre quem eram, que lugar ocupavam e como queriam ocupar o mundo, também, a partir das atividades cineclubistas.

Devo ressaltar que para alguns destes estudantes, o resultado foi este mesmo, apenas a produção do curta, o que não é pouco. Mas para outros, cujo o envolvimento, a pesquisa, a experimentação, a curiosidade, a aplicação dos dispositivos, a parceria com os colegas, a participação nas análises fílmicas e debates aconteceram paulatinamente a apropriação de si mesmos, de seus valores e gostos.

O produto para estes estudantes não foi apenas a produção coletiva de um curta metragem, mas a consolidação de suas possibilidades de se reconhecerem enquanto sujeitos criativos, críticos, autônomos, leitores e escritores do mundo que os cerca, através do vocabulário elaborado e construído gradativamente e coletivamente por eles, ao longo deste ano de trabalho com o *Projeto Inventar com a Diferença: Cinema e Direitos Humanos*.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. L. F. **Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema** (Argentina e Brasil- 1910/1940 e 1990/2010). 2014. 242f. tese (Doutorado) - Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2014.

CineOP – 11ª Mostra de cinema de Ouro Preto, cinema patrimônio, 1ªed., 2016, Ouro Preto. Belo Horizonte: Universo Produção, 2016.

CineOP – 12ª Mostra de cinema de Ouro Preto, cinema patrimônio, 1ªed., 2017, Ouro Preto. Belo Horizonte: Universo Produção, 2017.

CineOP – 13ª Mostra de cinema de Ouro Preto, cinema e patrimônio, 1ªed., 2018, Ouro Preto. Belo Horizonte: Universo Produção, 2018.

FRESQUET, A. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

MIGLIORIN, C. **Inevitavelmente Cinema: educação política e mafuá**. 1.ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MIGLIORIN, C. et al. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.

PIMENTEL, L. G. (Coord.) **Som, gesto, forma e cor: dimensões de arte e seu ensino**. 4.ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

SANTOS, M. A. **Escritos de alfabetização audiovisual**. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira (org.). Livretos Série universidade. Porto Alegre: Libretos, 2014.

WECHSLER, S. M. **Criatividade Descobrimo e Encorajando**. Campinas, SP: Psy, 1993.



**E. M. CORONEL ANTÔNIO
AUGUSTO DINIZ COSTA**

Lei de criação nº 887 de 02/06/69. Port. Aut. Nº44/78 de 08/02/78
762 de 28/03/86 5ª Série- 739/87 de 12/02/87 6ª à 8ª Série
CNPJ: 016 729 57/00041-47

Rua Vicente dos Santos, nº 295 – Bernardo Monteiro, Contagem – MG
Telefone: 33525178

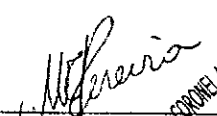
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da Escola Municipal Coronel Antônio Augusto Diniz Costa, Vicente dos Santos nº 295, autorizamos Denise Betônico Neiva, RG: MG 3 552969, CPF: 558376546-15 a utilizar as imagens das instalações do prédio (escolar, da instituição), em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Denise Betônico Neiva, se compromete a não autorizar para terceiros a utilização da imagem deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Denise Betônico Neiva, se compromete, ainda, a usar as imagens de forma a não denegrir a imagem da instituição.

Contagem, 13 de fevereiro de 2020.



Marcia Cardoso Pereira

Diretora

Escola Municipal Coronel Antônio Augusto Diniz Costa

De acordo,



Denise Betônico Neiva



**E. M. CORONEL ANTÔNIO
AUGUSTO DINIZ COSTA**

Lei de criação nº 887 de 02/06/69. Port. Aut. Nº44/78 de 08/02/78

762 de 28/03/86 5ª Série- 739/87 de 12/02/87 6ª à 8ª Série

CNPJ: 016 729 57/00041-47

Rua Vicente dos Santos, nº 295 – Bernardo Monteiro, Contagem – MG

Telefone: 33525178

AUTORIZAÇÃO PARA USO DO NOME DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Em nome da Escola Municipal Coronel Antônio Augusto Diniz Costa, situada à rua Vicente dos Santos, 295 – Bairro Bernardo Monteiro – Contagem, M.G., autorizamos Denise Betônico Neiva (RG – MG 3 552 969 e CPF – 558376546-15) a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Denise Betônico Neiva, se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-lo exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Denise Betônico Neiva, se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

Contagem, 13 de fevereiro de 2020.

Márcia Cândido Pereira

Diretora

Escola Municipal Coronel Antônio Augusto Diniz Costa

E.M. CORONEL ANTÔNIO AUGUSTO DINIZ COSTA
Márcia Cândido Pereira
Diretora - Mat.: 126.755-4

De acordo,

Denise Betônico Neiva